

SODOMA E GOMORRA EM POMPEIOS

SODOM AND GOMORRAH IN POMPEII

NUNO SIMÕES RODRIGUES

Universidad de Lisboa

nonnius@fl.ul.pt

ARYS, 10, 2012, 259-274 ISSN 1575-166X

RESUMEN

O presente estudo analisa o contexto de uma inscrição encontrada em Pompeios e na qual se lêem os nomes das duas cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra. Partindo da hipótese de o grafito ter sido escrito antes ou no momento da erupção do Vesúvio, considera-se a possibilidade de o seu autor, eventualmente um judeu, ter tido a intenção de relacionar o terramoto de 62 ou a catástrofe de 79 d. C. com a ira divina que na tradição bíblica teria destruído Sodoma e Gomorra.

ABSTRACT

This paper studies the context of an inscription found in Pompeii, which refers to the Biblical cities of Sodom and Gomorrah. If the graffito was written before or during the volcanic eruption, it is possible that its Author, probably a Jew, had connected the earthquake of 62 or the catastrophe of 79 A.D. with the Divine wrath that, according to the Biblical tradition, had destroyed Sodom and Gomorrah.

PALABRAS CLAVE

Pompeios; Sodoma; Gomorra; Vesúvio; Judeus

KEYWORDS

Pompeii; Sodom; Gomorrah; Vesuvius; Jews

Fecha de recepción: 09/10/2012

Fecha de aceptación: 27/11/2012

A julgar pela leitura de Plínio-o-Jovem, no dia 24 de Agosto de 79 d.C., uma violentíssima explosão vulcânica destruiu a cidade de Pompeios¹. Dizemos «a julgar» porque investigação recente tem posto em causa que o cataclismo que arrasou a famosa cidade situada no sopé do Vesúvio tenha efectivamente ocorrido naquele dia do Verão de 79. Com efeito, temos razões suficientemente válidas para suspeitarmos de que o desastre tenha acontecido alguns meses mais tarde, já durante o Outono, ou mesmo no Inverno. As dúvidas relativas à leitura paleográfica dos números registados nos manuscritos medievais que transmitiram as epístolas de Plínio-o-Jovem, os vestígios de frutos outonais que se encontraram entre as ruínas da cidade, as roupas – feitas de lã e inusitadas para o Verão campanense – usadas por muitas das vítimas no momento da catástrofe, o achado de uma moeda romana cunhada não antes de Setembro de 79 e o estudo da orientação dos ventos da região são os argumentos que têm contribuído para suspeitar da inverosimilhança da data supostamente registada nas cartas de Plínio².

Pompeios era uma velha cidade portuária, cuja fundação remontava aos séculos VIII-VII a.C., localizada a cerca de 8 km ao sudeste do Vesúvio, na Campânia, e detentora de uma economia de considerável vitalidade, essencialmente mercantil e comercial. Desconhecemos, todavia, ainda muito da cidade campanense. Não temos, por exemplo, grandes certezas acerca dos valores relativos à demografia. Com efeito, no que diz respeito ao momento da destruição, os números apontados variam entre os 6400 e os 30 000 habitantes, sendo que estas cifras dependem do tipo e método de análise feita pelos arqueólogos³. De qualquer modo, Tácito refere-se à cidade como «bastante populosa»⁴. Durante muito tempo, historiadores e arqueólogos salientaram a *ciuitas* próspera e rica, efervescente de vida, que subitamente teria enfrentado a morte e a destruição. Mas, a verdade é que, na segunda metade do século I da nossa Era, no mesmo ano em que o imperador Tito assumiu o poder em Roma, Pompeios vivia dias que se ressentiam ainda de um forte abalo sísmico que se fizera sentir cerca de 17 anos antes, entre 62 e 63 d.C., no tempo de Nero⁵. O impacte do sismo na época terá mesmo contribuído para

1 Plin., *Ep.* 6. 16, 20.

2 Sobre esta problemática, ver ROLANDI, G., PAONE, A., DI LASCIO, M. e STEFANI, G.: «The 79 AD Eruption of Somma: The relationship between of the date of the Eruption and the Southeast of tephra dispersion», *Journal of Volcanology and Geothermal Research* 169, 2007, 87-98; síntese em BEARD, M.: *Pompeia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010, 31.

3 Síntese em BEARD, M.: *Pompeia...*, 22.

4 Tac., *Ann.* 15. 22.

5 Também a data desse grande terramoto tem sido posta em dúvida, como se pode verificar por BEARD, M.: *Pompeia...*, 31; cf. SIGURDSSON, H., CASHDOLLAR, S., SPARKS, S. R. J.: «The Eruption of Vesuvius in A. D. 79: Reconstruction from Historical and Volcanological Evidence», *AJA* 86/1, 1982, 39-51, cit. 47;

que Séneca escrevesse as suas *Quaestiones naturales*. Segundo o historiador Tácito, grande parte da cidade teria ruído nessa ocasião e o mais provável é que, em 79, estivesse longe de estar reconstruída⁶. Do mesmo modo, uma parte considerável da população deverá ter abandonado a cidade na sequência do terramoto da década de 60 do século I, tendência que se terá intensificado com o aumento da actividade sísmica verificado antes da erupção do final da década de 70⁷. Outros dados, como a inactividade da maioria dos banhos públicos durante os dezassete anos que durou o intervalo entre os dois desastres naturais, assim como a inutilização de vários dos templos da cidade e alguma desorganização urbanística sugerem alterações significativas no quotidiano da cidade após 62-63. Também o facto de a arqueologia considerar que dificilmente terá havido mais de duas mil vítimas no desastre de 79 parece confirmar a ideia de que, nesse ano, Pompeios estaria já longe do fulgor que tivera até ao tempo de Nero. O mais provável, portanto, é que parte considerável da população pompeiana tivesse abandonado a cidade nas semanas e meses imediatos ao sismo do início da década de 60. Será isso a explicar, por exemplo, a razão pela qual se encontrou tão pouco mobiliário no interior de muitas das residências da cidade e não qualquer eventual gosto minimalista dos Romanos da época⁸.

O efeito mais imediato que a erupção de 79 teve foi o soterramento da cidade sob um densa camada de cerca de cinco metros de cinzas pisolíticas e pomes, que atingiram igualmente as cidades vizinhas de Estábias e Herculano⁹. Os habitantes que permaneciam em Pompeios terão sido surpreendidos por essa força da natureza, que se revelou particularmente destruidora com o processo conhecido como onda ou fluxo piroclástico, projectado pelo vulcão, que terá matado de forma quase instantânea todos quantos por ele foram atingidos¹⁰.

Após o desastre de 79 d.C., o sítio de Pompeios ficou praticamente inacessível e não voltou a ser reconstruído. Marcial, poeta da Roma flávia, descreve com palavras sintomáticas o que a cidade e seus arredores passaram a representar para o Mundo Romano:

«Este é o Vésbio¹¹, há pouco verdejante na sombra dos pâmpanos;
aqui, uma uva generosa carregava os húmidos lagares.
Estes os picos, que Baco mais amou que as colinas de Nisa;
neste monte ainda há pouco os Sátiros ensaiavam as danças.
Esta era a estância de Vénus, mais grata a seus olhos que a

AA. VV.: «AD 79: Eyewitness Account of the Eruption of Mount Vesuvius», *Bulletin of the Art Institute of Chicago* 72, 1978, 4-7.

6 Tac., *Ann.* 15. 22.

7 Plin., *Ep.* 6. 16, 20.

8 ZANKER, P.: *Pompeji: Stadtbilder als Spiegel von Gesellschaft und Herrschaftsform*, Mainz am Rhein, P. von Zabern, 1988; BEARD, M.: *Pompeia...*, 22, 306-307.

9 Cidade localizada também no sopé do Vesúvio, a cerca de 8 km de Nápoles. Ao contrário de Pompeios, Herculano foi sobretudo atingida por grandes quantidades de lama, o que fez com os seus edifícios ruíssem em maior quantidade e com mais intensidade do que na cidade vizinha.

10 ZANKER, P.: *Pompeji: Stadtbilder...*; BEARD, M.: *Pompeia...*, 14, 18.

11 I.e. o Vesúvio.

lacedemónia,
 este era um lugar famoso pelo nome de Hércules.
 Tudo jaz sob as chamas, em lúgubre cinza imerso:
 nem os deuses desejariam que tal lhes fora permitido»¹².

Soterrada, a cidade acabou por ser esquecida. Durante a Idade Média e o Renascimento, foi esporadicamente recordada, sem que todavia se conhecesse ao certo o sítio da sua localização. A sua redescoberta, aliás, só aconteceu no século XVIII, momento em que se encetou também o processo de «ressurreição» da que fora outrora uma próspera cidade romana de Itália¹³.

Na sequência da redescoberta de Pompeios, um dos vestígios que veio à luz do dia entre as ruínas da cidade revela-se interessante a vários níveis. Trata-se de um *graffito* que apareceu num espaço privado, numa casa relativamente modesta, localizada na chamada Via da Abundância, perto das Termas Estabianas, e no qual se pode ler apenas «SODOM[α] / GOMOR(r)A»¹⁴.

Parece-nos evidente que a referência remete para o célebre episódio bíblico das duas cidades destruídas por juízo divino, através de fogo e enxofre¹⁵. No relato do *Génesis*, vemos que Abrão se fixou na terra de Canaã enquanto o sobrinho, Lot, permaneceu nas terras de Sodoma, cujos habitantes são identificados como «perversos e grandes pecadores». A continuação do texto permite-nos perceber que a perversidade e o pecado a que o autor da narrativa alude estão relacionados não apenas com práticas de natureza homossexual, sugerida sobretudo pelo desejo expresso pelos Sodomitas de «conhecer» (19, 5) os hóspedes de Lot, e que é condenada noutros passos bíblicos, mas também com a questão da hospitalidade – ou falta dela –, da xenofobia e da impiedade¹⁶. Em termos

12 Mart. 4. 44, trad. D. F. Leão.

13 Sobre este longo processo de memória e esquecimento da cidade, ver ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana em Pompeia*, Lisboa, Livros do Brasil, ([s.d.]), 50-82. De certo modo, o destino da cidade soterrada foi «profetizado» pelo poeta Stat., *Silv.* 4. 4. 79-84.

14 *CIL* IV, 4976. A casa está identificada com a cota IX (regio).1 (insula).26 (nº); sobre o sistema que classifica o sítio de Pompeios, ver BEARD, M.: *Pompeia...*, 35. Em relação à inscrição, seguimos a leitura de VARONE, A.: *Presenze giudaiche e cristiane a Pompei*, Napoli, Società per lo Studio e la Divulgazione dell'Archeologia Biblica, 1979, 15. Ver figuras 1, 2 e 3.

15 *Gn* 13,13; 19.

16 Cf. *Gn* 19, 4-10; *Lv* 20, 13; *Jd* 7; sobre esta problemática, ver CARDEN, M.: *Sodomy. A History of a Christian Biblical Myth*, London, Equinox, 2004, 194; RÖMER, T., BONJOUR, L.: *L'homosexualité dans le Proche-Orient ancien et la Bible*, Genève, Labor et Fides, 2005, 37-59; NISSINEN, M.: *Homoeroticism in the Biblical World. A Historical Perspective*, Minneapolis, Augsburg Fortress Publishers, 1998; mais discutível é apresentação de GAGNON, R. A. J., *The Bible and Homosexual Practice. Texts and Hermeneutics*, Nashville, Abingdon Press, 2001. A maioria da bibliografia acerca de Sodoma e Gomorra trata das questões arqueológicas; mas a questão do tópico literário e cultural das duas cidades destruídas pela ira divina, pode ser lida em FIELDS, W. W.: *Sodom and Gomorrah. History and Motif in Biblical Narrative*, Sheffield, Academic Press, 1997; sobre o *Nachleben* do tema nas literaturas antigas, ver LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities. Sodom and Gomorrah in the Old Testament, early Jewish and early Christian Traditions*, Kampen, J. H. Kok, 1990, e CARDEN, M., *Sodomy. A History of a Christian Biblical Myth*, London, Equinox, 2004. Como é evidente, usamos aqui os termos «homossexualismo» e «homofobia» enquanto conceitos operatórios científicos modernos, que dificilmente teriam sentido na Antiguidade. Sobre as questões epistemológicas em torno desta problemática, ver FOUCAULT, M.: *Histoire de la Sexualité*, Paris, Gallimard, 1984, e os estudos em RAMOS, J. A., FIALHO, M. C., RODRIGUES, N. S. (coords.): A

de exegese, portanto, o homossexualismo condenado pela legislação e ordenação social dos Hebreus não é o único motivo que motiva Javé a destruir a cidade de Sodoma, e a vizinha Gomorra. Esta problemática foi já estudada por M. Carden e J. A. Loader, que concluíram que a definição da questão «homofóbica» enquanto causa principal da destruição das duas cidades é mais cristã do que judaica¹⁷. Ainda assim, apesar de o problema da condenação do homossexualismo em contexto hebreu-judaico antigo ser contestado por estes investigadores, parece-nos evidente que a «questão homossexual» persiste no episódio e, apesar de variar a ênfase ou o enfoque que lhe é dado, não pode ser ignorada. Em sequência, o texto reza:

«Erguia-se o sol sobre a terra, quando Lot entrou em Soar. Então, o Senhor fez cair do céu, sobre Sodoma e Gomorra, uma chuva de enxofre e de fogo, enviada pelo Senhor. Destruíu estas cidades, todo o vale e todos os habitantes das cidades e até a vegetação da terra»¹⁸.

Perante estes dados, revela-se particularmente fascinante o *graffito* que, depois de ter estado soterrado, foi descoberto em Pompeios e em que se evoca o episódio bíblico. Parte desse fascínio relaciona-se com os problemas históricos que a partir da descoberta se podem colocar:

- 1º quando teria sido escrito?
- 2º quem o teria escrito?
- 3º por que razão teria sido escrito?

1. A mensagem está registada na parede esquerda de um *triclinium*, a cerca de 1,80m do pavimento da casa, o que significa que o seu autor tanto a poderia ter escrito a partir daí, antes da erupção ter soterrado os edifícios da cidade, como após o soterramento¹⁹.

A verificar-se a primeira hipótese, o registo poderia ter sido feito antes do desastre de 79 e nesse caso podemos avançar com várias interpretações: ou alguém transcreveu nas paredes da casa uma significativa comparação com as cidades bíblicas, talvez implicando uma subtil – ou nem tanto – e «simples» censura alusiva aos costumes da cidade, que poderia passar por uma crítica mais ou menos encriptada – cujo entendimento variaria de acordo com o receptor – às práticas sexuais que por ali grassavam ou, mais especificamente, poderá tê-lo feito por ocasião do sismo de 62-63, associando o cataclismo ao que acontecera às cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra. Não é, por isso,

Sexualidade no Mundo Antigo, Lisboa/Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009.

17 LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities...*, e CARDEN, M.: *Sodomy. A History...* Carden (196), prefere falar de falocentrismo e de patriarcado heterossexual como os problemas a destacar na hermenêutica do episódio de Sodoma e Gomorra, em contexto hebreu-judaico antigo. O que, todavia, não anula a presença de um factor homossexual; somente não o coloca no centro da questão, como virá a acontecer com a literatura proto-cristã. A exceção judaica parece ser Filon de Alexandria, ver CARDEN, M.: *Sodomy. A History...*, 197, e LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities...*, 86-95.

18 Gn 19, 23-25, trad. H. Alves.

19 Ver comentários *apud* CIL IV, 4976.

de desconsiderar que esse autor relacionasse o tremor de terra com alguma espécie de castigo divino pelo comportamento sexual dos Pompeianos ou de, pelo menos, alguns deles. Podemos considerar também a hipótese, colocada por A. Varone, de estarmos perante uma espécie de imprecação ou maldição ironicamente profética, associada a essa censura, até porque alguns epigrafistas têm considerado que o *ductus* da inscrição sugere tratar-se de um texto mais antigo do que o ano 79²⁰. Outra possibilidade ainda, eventualmente menos verosímil, é o autor da mensagem a ter registado aquando da erupção do Vesúvio, num acto de catarse e desespero no momento da catástrofe que via acontecer perante os seus olhos. Trata-se de uma ideia mais carregada de dramatismo, mas que não consideramos de todo impossível.

Em relação à segunda hipótese, não podemos desconsiderar a possibilidade de o *graffito* ser posterior à erupção, feito por um sobrevivente ou até por alguém originalmente estranho ao lugar. Com efeito, a viabilidade de, pouco depois do desastre, ter havido gente na cidade é total: de proprietários ricos que teriam tentado reencontrar os seus objectos mais preciosos a «empreiteiros de recuperação clandestina» que teriam levado a cabo «autênticas razias de piratas», parece certo que terá havido presença humana no sítio de Pompeios logo após o cataclismo²¹. E esse «assalto» pode ter ocorrido ao longo de algum tempo. Décadas mesmo. Por toda a cidade há evidência de regressos bem-sucedidos, por entre os detritos vulcânicos. Houve inclusiv quem tenha escavado túneis para ter acesso ao interior de algumas casas, deixando pelo caminho, de variadas formas, as suas marcas e impressões. Ironicamente, alguns terão mesmo perecido nesta nova fase da vida cidade, já depois da erupção do Vesúvio. Assim aconteceu, por exemplo, com um grupo de dois adultos e uma criança que, equipado com uma picareta e uma enxada, terá morrido no momento em que desabou o túnel que escavava para entrar numa das casas soterradas²². Por conseguinte, apenas pelo facto de ter estado enterrada, não podemos afirmar que a inscrição fosse necessariamente anterior à erupção.

Consideramos, portanto, que ambas as hipóteses são viáveis, ainda que atendamos em particular à proposta de A. Varone, que se baseia na leitura paleográfica da inscrição e a que se associam outros dados que fortalecem os argumentos, como precisamente o soterramento do registo²³. Por outro lado, tal como outros investigadores, temos como menos provável que a frase seja uma falsificação moderna, dado o contexto arqueológico em que apareceu²⁴.

2. Um aspecto, porém, nos parece indubitável: o autor do grafito conhecia a cultura hebraica, tenha ele escrito antes ou depois do cataclismo. Este aspecto está relacionado com a segunda questão que colocámos. Partindo do princípio de que a mensagem é

20 VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 16.

21 ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana...*, 49. Aspecto igualmente salientado por CORELLI, F.: «La ville surgie des cendres», *L'Histoire* 288, 2004, 38-45.

22 BEARD, M.: *Pompeia...*, 23-24.

23 VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 16.

24 Nenhum dos autores consultados a considera uma falsificação, e.g. ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana...*; VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*; ZANKER, P.: *Pompeji: Stadtbilder...*; LAURENCE, R.: *Roman Pompeii. Space and Society*, London, Routledge, 1994 COOLEY, A. E., COOLEY, M. G. L. (eds.): *Pompeii. A Sourcebook*, London, Routledge, 2004; BEARD, M.: *Pompeia...*

anterior à erupção, as hipóteses a considerar em relação à autoria da inscrição são por conseguinte quatro: a) o autor foi um judeu local, eventualmente um prosélito; b) o autor foi um cristão de origem judaica ou não; c) o autor foi um viajante oriental, talvez um mercador, contextualizado na cultura hebreo-judaica; d) o autor foi um não-judeu ou um não-cristão, mas com conhecimentos suficientes de cultura judaica ou científica.

Devemos assinalar que esta última hipótese é a que menos nos entusiasma, por condicionalismos vários, designadamente a pouca ou má informação que a sociedade romana coeva em geral tinha acerca dos Judeus e da sua cultura e apesar de as cidades de Sodoma e Gomorra parecerem ser conhecidas de autores não judeus e não cristãos, como Estrabão e Tácito²⁵. As referências a Sodoma e a Gomorra que encontramos nos autores greco-latinos, porém (à excepção de Fílon de Alexandria, que apesar de escrever em grego é um judeu e como tal com conhecimento mais abrangente e opinião religiosa formada neste domínio²⁶), são essencialmente de natureza geográfica e histórico-natural, insistindo sobretudo na destruição das cidades por causas naturais (sismos e erupções), mas não se reconhecendo neles quaisquer alusões no âmbito da teodiceia²⁷. Eventualmente, podemos considerar a hipótese de estarmos perante um grego ou romano culto, com conhecimentos literários e científicos suficientes que lhe permitissem estabelecer a associação entre as três cidades através do factor «destruição». Mas o espaço humilde em que a inscrição foi encontrada proporciona objecções pertinentes a esta hipótese. Ele é, aliás, mais condicente com os contextos sociais que conhecemos para a generalidade dos Judeus da época em vivência no espaço romano²⁸.

Em relação à probabilidade de ter sido um cristão, há que considerar as dúvidas colocadas por alguns autores, como R. Étienne e M. Beard, para quem o cristianismo não podia ser uma realidade ainda bem instalada e sólida em Pompeios, pois a emergência do mesmo enquanto movimento religioso organizado, nas décadas de 60 e 70 d.C., era ainda prematura²⁹. Igualmente cauteloso é A. Varone, sem todavia desprezar de todo a possibilidade de terem existido cristãos em Pompeios³⁰. De qualquer modo, mesmo que tenham existido adeptos da religião do Cristo na cidade, há que levar em conta que nem todos possuíam uma cultura religiosa suficientemente abrangente para conhecerem as histórias e narrativas do livro do *Génesis* e apesar de o «mito da homossexualidade de Sodoma e Gomorra» ser essencialmente cristão. O motivo, no entanto e como notámos, enuncia-se já em textos anteriores e, claro, a partir do próprio livro bíblico, como

25 Str., 16. 2. 44; Tac., *Hist.* 5. 7. Sobre esta questão, ver RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe. Os Judeus em Roma do tempo de Pompeio ao tempo dos Flávios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.

26 As alusões de Fílon a Sodoma e Gomorra estão essencialmente em *De Abrahamo* 133-146, mas não só. Ver LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities...*, 86-95. Nesta óptica, ver também Orígenes, *Cels.* 4. 21.

27 Ver ainda D. C. *apud* Syn. *Vita Dionis* II, 8; Gal. *De Simplicium Medicamentorum* 4. 20. 59-61; 9. 2. 4; Solin. *Collectanea Rerum* 34. 8.

28 RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe...*, 115-152.

29 ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana...*, 246-248; BEARD, M.: *Pompeia...*, 375.

30 VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 78. Ver ainda DELLA CORTE, M.: «Pompei e i Cristiani», *Archivio Storico Prov. Salerno* 6, 1927, 175-178; MALLARDO, D.: «La questione dei Cristiani a Pompei», *Riv. di Studi Pompeiani* 1, 1934-1935, 116-165; FERRUA, A.: «Sull'esistenza di Cristiani a Pompei», *Civ. Catt.* 88/3, 1937, 127-139; DELLA CORTE, M.: «I Cristiani a Pompei», *Rend. Acc. Napol.* 19, 1938-1939, 5-32; FILSON, F. V.: «Were there Christians in Pompeii?», *The Biblical Archaeologist* 2/2, 1939, 13-16.

testemunha Fílon³¹. A hipótese ganha por isso mais consistência se tivermos em conta a possibilidade de se tratar de um judeu convertido ao cristianismo e não um cristão de uma outra qualquer origem. De qualquer modo, na época em discussão, as fronteiras entre judaísmo e cristianismo eram ainda demasiado ténues. Por outro lado, as ideias de «castigo» e de «fim» associadas à destruição das cidades apontam para uma autoria familiarizada com a teodiceia judeo-cristã. Por conseguinte, o mais provável é que o autor do registo na casa da Via da Abundância tenha sido um judeu, eventualmente cristianizado.

Referimos já o contexto judaico de Pompeios em estudo anterior³². Em síntese, podemos recordar que, entre os vestígios encontrados na cidade destruída, apareceram antropónimos aparentemente judaicos, como Jesus, Marta e Maria³³. Outros nomes, ainda que não judaicos de modo explícito, sugerem igualmente uma proximidade a essa cultura, sendo todavia sem dúvida orientais: *M. Valerius Abinnericus*, *A. Coss(ius) Liban(us)*, *Libanis* ou ainda o possível *Felix(?) Youdaikou*³⁴. Citamos ainda uma inscrição encontrada em Marano, perto de Pompeios, que refere uma cativa de nome «Cláudia Ester», originária de Jerusalém, que poderá ter sido mulher de Tibério Cláudio Másculo, liberto imperial³⁵. Outras duas inscrições pompeianas registam a forma *GENESIS*, o que parece remeter para a cultura judaica³⁶. Há também quem tenha considerado a possibilidade de, em Pompeios, se ter encontrado uma referência a *garum* confeccionado especialmente para Judeus. Uma espécie de *garum kosher*³⁷. A existência de uma inscrição que refere a expressão *princeps libertinorum* levou alguns autores a sugerir ainda a existência na cidade de uma sinagoga semelhante à que se menciona no livro dos *Actos dos Apóstolos* e que é identificada como a «Sinagoga dos Libertos»³⁸. Mas esta não é uma conclusão linear nem pacífica, não estando fora de questão que se trate tão-somente de uma congregação ligada aos *liberti* da *ciuitas* campanense. Outros dados, contudo, garantem a existência de judeus naquela cidade, como a nota de Josefo

31 LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities...*, 88-89; CARDEN, M.: *Sodomy. A History...*

32 RODRIGUES, N. S.: «Salomão Parodiado. Elementos judaicos na paisagem pompeiana» in F. de Oliveira, C. Teixeira, P. Barata Dias, coords., *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. I – *Línguas e Literaturas. Grécia e Roma*, Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, 2009, 191-198.

33 VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 11-13. Relativamente a «Maria», porém, faça-se a ressalva de podermos estar perante um feminino do latino *Marius*.

34 *CIL* IV, 1943, 1507, 3763, 4287, 5244, 5630, 7866, 8010, 8866, 9757. A problemática em torno destes nomes pode ser lida em VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 11-13, 81-88. Aqui contesta-se, por exemplo, que *Felix Ioudaikos* seja um antropónimo, sugerindo-se, em alternativa, que se trata de uma simples inscrição feita sobre uma ânfora vinária, identificando o vinho aí guardado.

35 *CIL* X, 1971.

36 VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 16-17. Cf. o que aí se diz sobre a inscrição que regista a forma *CHEREM*.

37 Não existe, porém, unanimidade científica em relação a esta problemática. Ver VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 19-20; BEARD, M.: *Pompeia...*, 38; cf. Plin., *Nat.* 31. 95. De igual modo, existem dúvidas em relação ao sentido do uso de *uerpa* em contexto pompeiano, VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 20.

38 *Act* 6, 9; FREY, J.-B.: «Les Juifs à Pompéi», *Rbi* 42, 1933, 370-372; DELLA CORTE, M.: «*Fabius Eupor princeps libertinorum*. Elementi giudaici in Pompei», *Atti Acc. Pontaniana* 3, 1949-1950, 347-353; MIRANDA, E.: «Due iscrizioni greco-giudaiche della Campania», *RAC* 55, 1979, 337-341; VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 14-15.

acerca de Agripa, o filho de Félix e da judia Drusila, que terá perecido, juntamente com a mulher, aquando da erupção do Vesúvio³⁹. De igual modo, não é inverosímil que Berenice, uma princesa da casa real da Judeia, tenha passado algum tempo naquela cidade⁴⁰. Poderá não ser totalmente despropositado referir também a eventual ligação de Popeia Sabina, a segunda mulher de Nero, à cidade de Pompeios. É possível que a imperatriz tenha possuído uma *uilla* sumptuosa em Oplontis (perto da cidade), sendo que Popeia parece ter mantido uma proximidade considerável com a comunidade de judeus de Roma e com a fé judaica⁴¹. Está claro que este é um mero dado suplementar e circunstancial que nos permite juntar mais algumas reflexões acerca da existência de um contexto judaico pertinente na cidade de Pompeios no século I d.C. Só por si, contudo, nada prova. Mais pertinente é a presença de iconografia aparentemente ligada a uma eventual percepção do judaísmo por parte da comunidade romana, que o faz alinhar com Gregos e Egípcios numa sintomática ideia de «Outro». Referimo-nos, naturalmente, ao fresco da «Sentença de Salomão», em que o famoso episódio do primeiro *Livro dos Reis* parece ser parodiado, com Pigmeus a interpretarem os vários papéis bíblicos⁴². Por fim, de referir ainda que há vestígios judaicos em Putéolos, Nola, Bacoli, Marano, Cápua, Herculano, Estábias e Nápoles⁴³.

A terceira hipótese é também verosímil, mas de difícil comprovação. Poder-se-ia tratar de um indivíduo de origem oriental, talvez um mercador, de passagem por Pompeios. Recorde-se que a Campânia era uma paragem natural para embarcações vindas do Oriente, designadamente de Alexandria (onde havia uma importante comunidade judaica), o que tem sustentado muitas das interpretações feitas em torno da difusão do culto de Ísis em Pompeios, por exemplo⁴⁴. A propagação de outras crenças orientais não seria muito diferente, portanto. Também Paulo de Tarso, quando se dirigia para Roma, encontrou correligionários no porto de Putéolos, na baía de Nápoles e pouco distante da cidade do Vesúvio⁴⁵. Teria alguém, nessas circunstâncias, ficado hospedado naquela casa ou por ali passado, ao acaso, no contexto dos tumultos vividos na cidade? Não o podemos provar, mas tão-somente considerar a sua possibilidade.

Portanto, apesar das dúvidas e das reticências que se colocam em casos pontuais dos exemplos aqui apontados, cremos poder afirmar que existe um contexto plausível para

39 J. *AJ* 20, 144. Sobre Félix e Drusila, ver RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe...*, 580-590.

40 RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe...*, 796; PEREA YÉBENES, S.: *Berenice. Reina y concubina*, Madrid, Alderabán, 2000, 180-181.

41 Sobre esta questão, ver RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe...*, 636-654, e bibliografia aí citada.

42 Tratámos esta questão em RODRIGUES, N. S.: «Salomão Parodiado...», 191-198. Tal como VARONE, A.: *Presenze giudaiche...*, 21, também consideramos menos verosímil a hipótese de o painel do hipopótamo aludir em forma de paródia ao episódio de Jonas, ou que sequer trate os monstros citados em *Jb* 40, 15-24, 41 (e *1Enoc* 60, 7-8): Beemot (o hipopótamo) e Leviatan (o crocodilo). Ver ainda RINALDI, G.: *Bibbia Gentium. Primo contributo per un indice delle citazioni dei riferimenti e delle allusioni alla Bibbia negli autori pagani, greci e latini, di età imperiale*, Roma, Libreria Sacre Scritture, 1989.

43 J. *AJ* 17. 330; *CIL* X, 1893; 1931; 2258; 3303; GIORDANO, C. e KAHN, I.: *Gli Ebrei a Pompei, Ercolano, stabia e nelle città della Campania Felix*, Napoli, Procaccini, 1979, 19-40; VARONE, A.: «Giudei e cristiani nell'area vesuviana» in *Pompei 79. XIX centenario*, sup. *Antiqua* 15, 1979, 131-146.

44 TRAN TRAM TINH, V.: *Essai sur le culte d'Isis à Pompei. Images et cultes*, Paris, 1964; *Idem: Le culte des divinités orientales en Campanie*, Leiden, Brill, 1972.

45 *Act* 28, 14.

uma eventual origem judaica, quiçá judeo-cristã mas ainda assim judaica em última análise, da referência a Sodoma e Gomorra em Pompeios.

3. Este conjunto de reflexões leva-nos ao terceiro item anunciado: por que razão teria sido feita referência às duas cidades bíblicas em Pompeios?

Parece-nos evidente que existe uma relação directa entre o fenómeno natural de cataclismo, seja ele o terramoto (62-63 a.C.) seja a erupção (79 d.C.) e o tema subjacente às cidades de Sodoma e Gomorra. Apesar de serem mais as dúvidas que se colocam sobre a possibilidade de a inscrição ter sido feita no contexto da explosão do Vesúvio, o certo é que a ideia das cidades destruídas pelo fogo e enxofre divinos se coaduna melhor com o processo que arrasou Pompeios e as localidades vizinhas. O paralelismo é inegável. A estes argumentos, acrescentamos aqueles que encontram apoio no IV livro sibilino, segundo o qual um castigo dos céus puniria Tito por ter vencido os Judeus e conquistado a cidade de Jerusalém, em 70 d.C.⁴⁶ Um contexto deste tipo reforça a tese da leitura teodiceica do fenómeno. Mas também não é de todo impossível que o abalo telúrico anterior tenha suscitado tal reflexão, por parte de alguém imbuído de cultura judaica. Recordamos que Estrabão relaciona também a destruição de Sodoma e Gomorra com abalos telúricos, pelo que essa associação mais «científica» e menos teológica deve também ser levada em conta⁴⁷.

Por outro lado, é também verosímil que a ideia de castigo divino fosse associada ao tremor de terra, num contexto sócio-cultural que perante os olhos de um judeu ou de um judeu convertido ao cristianismo influenciado por ideias escatológicas seria pouco recomendável. Por certo, estariam em causa os aspectos teológicos e práticas politeístas pouco ou nada concordantes com os princípios judaicos ou sequer cristãos, mas também os comportamentos sociais, designadamente os sexuais, entendidos por esse outrém como desregrados e contrários à lei de Javé ou às normas definidas por São Paulo⁴⁸. Em especial, o homossexualismo, associado a Sodoma e Gomorra e que decerto seria facilmente reconhecido na sociedade pompeiana (vários grafitos dão conta disso) como na romana em geral – apesar de todas as observações que possamos fazer em relação à in/tolerância ou aceitação social do mesmo entre os Romanos⁴⁹ – e que era de todo

46 ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana...*, 50.

47 Str. 16. 2. 44.

48 Sobre a vida sexual em Pompeios, ver em especial JACOBELLI, L.: *Le pitture erotiche delle terme suburbane di Pompei*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider, 1995; VARONE, A.: «Las imágenes del sexo en Roma a través de Pompeya» in CELESTINO PÉREZ, S. (ed.): *La imagen del sexo en la Antigüedad*, Barcelona, Tusquets Editores, 2007, 275-322; GUERRA, A.: «Do grafito ao fresco: sexualidade e cultura popular entre os habitantes de Pompeios», in RAMOS, J. A., FIALHO, M. C., RODRIGUES, N. S. (coords.): *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Lisboa/Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, 469-488; PANCIERA, M.: «Hamillus/Sullimah: Sex, Fiction, and the Significance of Anonyms in Pompeii», *CP* 106/1, 2011, 53-60.

49 Sobre esta questão ver os estudos fundamentais de VEYNE, P.: «A homossexualidade em Roma» in P. Ariès, A. Béjin, eds., *Sexualidades Ocidentais*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, 39-49; WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*, Oxford, University Press, 1999; ALLEN, R. H.: *The Classical Origins of Modern Homophobia*, Jefferson, McFarland & Co. Inc., 2006, 87-113.

condenado pela ordenação social bíblica⁵⁰. Para mais, a localização da inscrição num espaço próximo das Termas Estabianas leva-nos a considerar argumentos suplementares. Não raramente, os espaços dedicados aos banhos e às termas eram, entre os Romanos, associados a práticas mundanas e sexuais. Assim o sugerem, por exemplo, Séneca e Marcial⁵¹, mas também a série de *graffiti* e frescos encontrados perto desses mesmos lugares, de que são exemplo maior as Termas Suburbanas de Pompeios⁵². Como tal, talvez a proximidade de uma zona com estas características tenha sugerido o desabafo do autor da inscrição. Com que objectivo? Sendo judeu, por certo o de chamar a atenção de Roma e dos Romanos para as verdades da sua Fé. Sendo judeu cristianizado, talvez o de anunciar a parusia ao seu Próximo ou até mesmo ao poder identificado com Roma, o de gritar a segunda vinda do Messias, a proximidade da grande conflagração que daria lugar ao Reino de Deus, apelando, por conseguinte, à conversão. Em qualquer dos casos, reconhecendo nos cataclismos um sinal de Deus.

Assim, se o contexto natural de 79 dá mais pertinência à inscrição, as condições em que o mesmo ocorreu, designadamente a rapidez dos acontecimentos, bem como as formas materiais associadas ao vestígio, em especial o *ductus* da escrita, e ainda a eventual relação com o cenário termal, significativamente desactivado após o terramoto da década de 60, tornam-nos menos plausível.

Por conseguinte, perante os dados que apresentámos, inclinamo-nos para a ideia de que terá sido na sequência do terramoto da década de 60 que um judeu, com um sentido crítico «particularmente apurado» e eventualmente desiludido ou pouco identificado com a sociedade que o rodeava, decidiu rotular Pompeios como uma nova Sodoma e Gomorra. Irónico é o facto de ter acabado por escrever uma profecia que tristemente se viria a cumprir⁵³.

50 Ver nota 16 e ainda e.g. *1Cor* 6, 9.

51 Sen. *Ep.* 56; Mart. 1.62, 96 (em que se referem os sodomitas); 7. 82.

52 Ver e.g. JACOBELLI, L., *Le pitture erotiche delle terme suburbane di Pompei*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider, 1995. Há, contudo, que referir que nem todos os autores são unânimes em aceitar que, para os Romanos, a função de tais frescos fosse necessariamente sexual. De qualquer modo, para um judeu, um oriental ou até um cristão, tais imagens seriam antes de tudo reprováveis pela sexualidade explícita nelas representada.

53 Desejamos expressar o nosso agradecimento aos *peer reviewers* que nos alertaram para algumas problemáticas, que se revelaram pertinentes e motivaram uma reformulação deste estudo. De qualquer forma, apesar de as nossas conclusões irem ao encontro da maioria dos estudos que se dedicaram à inscrição «Sodoma e Gomorra» de Pompeios, é nosso objectivo apresentar as várias hipóteses interpretativas da mesma, analisando-as em pormenor e assim fundamentando a nossa opção.

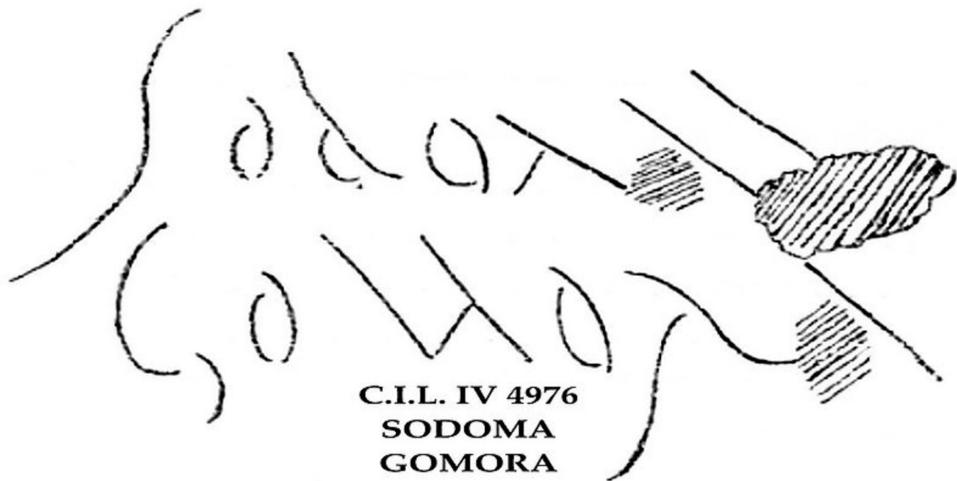


Fig. 1: Inscrição pompeiana na qual se lê: «SODOM[a] / GOMOR(r)A», *apud CIL IV, 4976*.

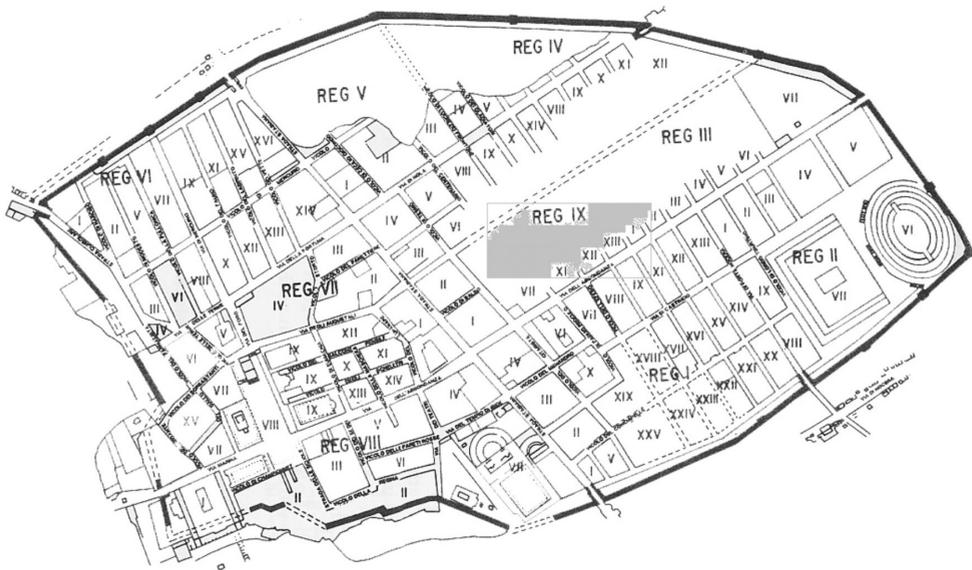


Fig. 2: Planta da cidade de Pompeios, com indicação da região IX, onde a inscrição «Sodoma e Gomorra» foi encontrada.



Fig. 3: Pormenor da planta da cidade de Pompeios, com indicação da casa onde a inscrição «Sodoma e Gomorra» foi encontrada, bem como das Termas Estabianas. *Apud CIL IV sup.*

BIBLIOGRAFIA:

- AA. VV.: «AD 79: Eyewitness Account of the Eruption of Mount Vesuvius», *Bulletin of the Art Institute of Chicago* 72, 1978, 4-7.
- ALLEN, R. H.: *The Classical Origins of Modern Homophobia*, Jefferson, McFarland & Co. Inc., 2006.
- BEARD, M.: *Pompeia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.
- CARDEN, M.: *Sodomy. A History of a Christian Biblical Myth*, London, Equinox, 2004.
- COOLEY, A. E., COOLEY, M. G. L. (eds.): *Pompeii. A Sourcebook*, London, Routledge, 2004.
- CORELLI, F.: «La ville surgie des cendres», *L'Histoire* 288, 2004, 38-45.
- DELLA CORTE, M.: «Pompei e i Cristiani», *Archivio Storico Prov. Salerno* 6, 1927, 175-178.
- DELLA CORTE, M.: «I Cristiani a Pompei», *Rend. Acc. Napol.* 19, 1938-1939, 5-32.
- DELLA CORTE, M.: «*Fabius Eupor princeps libertinorum*. Elementi giudaici in Pompei», *Atti Acc. Pontaniana* 3, 1949-1950, 347-353.
- ÉTIENNE, R.: *A vida quotidiana em Pompeia*, Lisboa, Livros do Brasil, ([s.d.]).
- FERRUA, A.: «Sull'esistenza di Cristiani a Pompei», *Civ. Catt.* 88/3, 1937, 127-139.
- FIELDS, W. W.: *Sodom and Gomorrah. History and Motif in Biblical Narrative*, Sheffield, Academic Press., 1997.
- FILSON, F. V.: «Were there Christians in Pompeii?», *The Biblical Archaeologist* 2/2, 1939, 13-16.
- FOUCAULT, M.: *Histoire de la Sexualité*, Paris, Gallimard, 1984.
- FREY, J.-B.: «Les Juifs à Pompéi», *Rbi* 42, 1933, 370-372.
- GAGNON, R. A. J.: *Bible and Homosexual Practice. Texts and Hermeneutics*, Nashville, Abingdon Press., 2001.
- GIORDANO, C.; KAHN, I.: *Gli Ebrei a Pompei, Ercolano, stabia e nelle città della Campania Felix*, Napoli, Procaccini, 1979.
- GUERRA, A.: «Do grafito ao fresco: sexualidade e cultura popular entre os habitantes de Pompeios» in J. A. Ramos, M. C. Fialho, N. S. Rodrigues, coords., *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Lisboa/Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, 469-488.
- JACOBELLI, L.: *Le pitture erotiche delle terme suburbane di Pompei*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider, 1995.
- LAURENCE, R.: *Roman Pompeii. Space and Society*, London, Routledge, 1994.
- LOADER, J. A.: *A Tale of Two Cities. Sodom and Gomorrah in the Old Testament, early Jewish and early Christian Traditions*, Kampen, J. H. Kok, 1990.
- MALLARDO, D.: «La questione dei Cristiani a Pompei», *Riv. di Studi Pompeiani* 1, 1934-1935, 116-165.
- MIRANDA, E.: «Due iscrizioni greco-giudaiche della Campania», *RAC* 55, 1979, 337-341.
- NISSINEN, M.: *Homoeeroticism in the Biblical World. A Historical Perspective*, Minneapolis, Augsburg Fortress Publishers, 1998.
- PANCIERA, M.: «Hamillus/Sullimah: Sex, Fiction, and the Significance of Anonyms in

- Pompeii», *CP* 106/1, 2011, 53-60.
- PEREA YÉBENES, S.: *Berenice. Reina y concubina*, Madrid, Alderabán, 2000.
- RAMOS, J. A., FIALHO, M. C., RODRIGUES, N. S. (coords.): *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Lisboa/Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009.
- RINALDI, G.: *Biblia Gentium. Primo contributo per un indice delle citazioni dei riferimenti e delle allusioni alla Bibbia negli autori pagani, greci e latini, di età imperiale*, Roma, Libreria Sacre Scritture, 1989.
- RODRIGUES, N. S.: *Iudaei in Vrbe. Os Judeus em Roma do tempo de Pompeio ao tempo dos Flávios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.
- RODRIGUES, N. S.: «Salomão Parodiado. Elementos judaicos na paisagem pompeiana» in DE OLIVEIRA, F., TEIXEIRA, C., BARATA DIAS, P. (coords.): *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. I – *Línguas e Literaturas. Grécia e Roma*, Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, 2009, 191-198.
- ROLANDI, G., PAONE, A., DI LASCIO, M., STEFANI, G.: «The 79 AD Eruption of Somma: The relationship between of the date of the Eruption and the Southeast of tephra dispersion», *Journal of Volcanology and Geothermal Research* 169, 207, 87-98.
- RÖMER, T., BONJOUR, L.: *L'homosexualité dans le Proche-Orient ancien et la Bible*, Genève, Labor et Fides., 2005.
- SIGURDSSON, H., CASHDOLLAR, S., SPARKS, S. R. J.: «The Eruption of Vesuvius in A. D. 79: Reconstruction from Historical and Volcanological Evidence», *AJA* 86/1, 1982, 39-51.
- TRAN TRAM TINH, V.: *Essai sur le culte d'Isis à Pompei. Images et cultes*, Paris, 1964.
- TRAN TRAM TINH, V.: *Le culte des divinités orientales en Campanie*, Leiden, Brill, 1972.
- VARONE, A.: «Giudei e cristiani nell'area vesuviana» in *Pompei 79. XIX centenario*, sup. *Antiqua* 15, 1979, 131-146.
- VARONE, A.: *Presenze giudaiche e cristiane a Pompei*, Napoli, Società per lo Studio e la Divulgazione dell'Archeologia Biblica, 1979.
- VARONE, A.: «Las imágenes del sexo en Roma a través de Pompeya» in S. Celestino Pérez, ed., *La imagen del sexo en la Antigüedad*, Barcelona, Tusquets Editores, 2007, 275-322.
- VARONE, A.: *Erotica Pompeiana. Iscrizioni d'amore sui muri di Pompei*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider ().
- VARONE, A.: *L'Erotismo a Pompei*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider ().
- VEYNE, P.: «A homossexualidade em Roma» in P. Ariès, A. Béjin, eds., *Sexualidades Ocidentais*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, 39-49.
- WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*, Oxford, University Press, 1999.
- ZANKER, P.: *Pompeji. Stadtbilder als Spiegel von Gesellschaft und Herrschaftsform*, Mainz am Rhein, P. von Zabern, 1988.